

Uma conversa com o escritório GRU.A: a praia e o tempo

Beatriz Carneiro

Graduanda na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Contato: beatrizmvarneiro@gmail.com

Luyza De Luca

Graduanda na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Contato: delucaluyza@gmail.com

Introdução

Acumulando prêmios nacionais e internacionais, os arquitetos Pedro Varella e Caio Calafate, sócios do escritório carioca GRUA, conversaram com a PRUMO sobre o projeto “*a praia e o tempo*” desenvolvido em 2018 para a nona edição do TEMPO Festival. A arquitetura de curta duração ocupou a praia de Copacabana por 14 dias a partir de uma estrutura quadrilátera de 31x31m que foi suporte para a performance desenvolvida pela coreógrafa francesa Julie Desprairies e para o público.

Os arquitetos falaram um pouco da relação da estrutura proposta com a paisagem da praia, em especial sobre a topografia que pode ser reinventada através da areia e água e seu inevitável movimento. Além disso, traçaram também paralelos com outros projetos do escritório que surgem como instrumento de inquietação para a cidade, como “*Cota 10*” (2015) que ressignificou a demolição do elevado na altura da praça XV, Rio de Janeiro e “*De onde não se vê quando se está*” (2017), que propôs uma releitura da paisagem de Niterói através de uma intervenção no MAC.

O trabalho surgiu como resultado de uma residência artística e foi construído para o TEMPO Festival, em 2018. Como foi o processo de pesquisa que gerou “a praia e o tempo”?

GRUA: O convite para o trabalho no TEMPO Festival surgiu da Marcia Dias, uma das idealizadoras e produtoras do festival, quando fez uma visita ao trabalho que realizamos no MAC de Niterói (“*De onde não se vê quando se está*”, 2017). A partir daí, começamos a levantar no escritório temas que passaram por nossas pesquisas nos últimos anos, seja através dos nossos projetos de arquitetura ou dos nossos estudos acadêmicos, por um período de 12 meses. E, como não havia um local pré estabelecido, foi montado um processo de projeto que previa em um primeiro momento apresentar algumas alternativas de lugares. O *Rio Metropolitano*¹ foi uma chave super importante para a escolha da praia de Copacabana, onde conseguimos concentrar alguns desses temas, como por exemplo as operações de transformação geomorfológicas que tanto marcam a história da cidade do Rio de Janeiro ou ainda, as estruturas ambulantes que ocupam os espaços públicos cariocas.

Outros trabalhos desenvolvidos por vocês tensionam questões urbanas, como “Cota 10” de 2015 e “De onde não se vê quando se está” de 2017. Qual a relevância desse tipo de arquitetura e pesquisa para a consolidação de um escritório de arquitetura enquanto posicionamento crítico sobre a cidade?

GRUA: Com as arquiteturas de curta duração — que é como temos chamado esse tipo de trabalho —, conseguimos realizar projetos com mais rapi-

dez e sujeitos a menos empecilhos burocráticos que possam impedir a realização dos trabalhos. Dessa forma, conseguimos tocar em temas que nos interessam com mais precisão se comparados a processos de projeto mais tradicionais. Nesse sentido, essa sequência de trabalhos tem nos ajudado a tocar em assuntos que dificilmente poderiam ser objeto de projetos realizados no contexto em que vivemos. Conseguimos definir uma estrutura ao mesmo tempo que deixamos um espaço a ser preenchido que, dependendo do caráter da intervenção, se desdobra em diferentes tipos de ocupação.

De que maneira essa liberdade sugerida por esse tipo de arquitetura de curta duração pode se concretizar em assuntos e movimentos específicos?

GRUA: No caso do “*Cota 10*” é proposta uma estrutura que ocupa o lugar de um pilar que foi desmontado da Perimetral e, com isso, oferece uma visada da cota que esse se encontrava, de forma a impulsionar um questionamento sobre a operação de implosão dessa infraestrutura em 2013². No trabalho “*De onde não se vê quando se está*” que ocupou o MAC, também existe um deslocamento para o inusitado para provocar uma reflexão sobre o caráter icônico do museu que não se via quando se estava na arquitetura. Da mesma forma, “*a praia e o tempo*” instiga também um desejo de deslocamento do ponto de vista que, no entanto, não é contemplativo. Nesse sentido, os trabalhos têm metodologias de projeto que atravessam ações chaves, mas não são formais. Essas operações específicas se direcionam para esse “deslocar” não do ponto de vista físico, mas do pensamento, do desvio

da rotina. Aqui no escritório temos muito interesse de pesquisa em obras que operam no território diretamente, como Robert Smithson e Michael Hansen, e também em algumas obras de arquitetura que tensionam essa relação, como o parque do Flamengo que é um espaço fabricado por uma ação. Essas operações estão presentes desde a leitura de desmonte dos morros³, desmontar e aterrar, até uma referência do Pavilhão de Osaka (1974) do Paulo Mendes da Rocha, que carrega um repertório de operações.

A estrutura e a topografia de areia — suscetível ao movimento — criaram novas interações entre as

peças e a praia. Como se desenvolve essa relação entre arquitetura e sítio, entendendo a tensão entre a estabilidade e a instabilidade que o projeto gera? Existia algum esforço em manter o desempenho da areia durante o período de ocupação da praia?

GRUA: Não, pelo contrário. A intenção sempre foi que a configuração espacial mudasse ao longo do festival. Durante o período de 14 dias de existência do trabalho, os alicerces e declives da topografia inicialmente fabricada por nós foram se modificando lentamente, seja pela ação humana ou por fatores atmosféricos como a chuva, o vento e o sol, assim como acontece no cotidiano



Figura 1: Projeto “Cota 10”.



Figura 2: Projeto “De onde se vê quando se está”.



Figura 3: Vista do projeto “De onde se vê quando se está”.



Figura 4: Projeto “Cota 10”.



Figura 5: Projeto “De onde se vê quando se está”.



Figura 6: Projeto “a praia e o tempo”.

da praia. Quantas combinações são possíveis entre os incontáveis grãos de areia que formam o solo de Copacabana? Foi muito interessante ver como a paisagem mudava totalmente se o dia estava mais ou menos úmido, ventos mais ou menos intensos... Um dia é sempre diferente do outro. A estrutura de demarcação potencializava essa experiência através do contraste com a topografia, servindo como parâmetro que permitia mensurar as sutis alterações no solo de areia. Por esse motivo, descrevemos esse trabalho como uma combinação entre duas operações: “demarcar” e “reposicionar”.

Essas operações guias para a concepção do projeto “demarcar” e “reposicionar” de certa forma sugerem que a arquitetura sublinha uma área de areia específica que normalmente não é referenciável. Como vocês entendem que a arquitetura responde a essas operações a partir da interação com o espaço da praia?

GRUA: As operações surgem do repertório que constituímos a partir da nossa vivência e das nossas pesquisas sobre o território da praia, mais especificamente dessa praia metropolitana que é Copacabana. Parece, com isso, pertinente lançar mão desse repertório para gerar uma situação atípica, diferente dessas que geralmente experimentamos quando habitamos esse espaço, mas constituída por operações que fazem parte desse universo. No entanto, isso também abre espaço para um certo esforço nosso em aceitar as imprevisibilidades do tempo, das pessoas e das suas necessidades. A ideia de inespecificidade desse trabalho está no sentido que é prevista uma plataforma que sugere camadas, mas que apenas sua apropriação pode desvelar muitas outras que não foram previstas diretamente.

Existe uma previsão de desenvolver um trabalho na França, ainda sob influência do TEMPO Festival. Essa nova proposta seguiria operações e lógicas desenvolvidas na Praia de Copacabana? Como vocês imaginam essa ocupação em outros espaços, considerando a atuação do sítio como caráter essencial para o projeto?

GRUA: Não sabemos ainda o que será o trabalho que será desenvolvido em 2020 na França, mas sabemos que será totalmente diferente desse que foi realizado em Copacabana. Tanto em sua escala quanto na sua natureza. Não parece fazer muito sentido exportar um trabalho que tem suas bases ancoradas em um território específico como o da praia de Copacabana. Neste momento estamos começando a pensar no que faremos nessa continuação prevista para 2020. Para isso estamos estudando tudo que gira em torno do trabalho: os locais de atuação, as instituições que receberão o trabalho, o público etc. Mesmo sem saber o que será sabemos que algo vai surgir desse processo de aproximação.

Notas de fim:

1. *“Rio Metropolitano: Guia para uma arquitetura”*, por Cauê Capilé, Guilherme Lassance e Pedro Varela. O estudo, lançado em 2013 pela editora Rio Book, apresenta um olhar teórico sobre as transformações e evoluções da cidade do Rio de Janeiro.
2. A implosão do elevador da Perimetral, realizado entre 2013 e 2014, fazia parte do projeto Porto Maravilha e foi extremamente criticada por questões de sustentabilidade e falta de conscientização urbana.
3. Processo de desconstrução da paisagem do Rio de Janeiro visando melhorias higienistas durante a reforma urbanística no governo de Pereira Passos (1902-1906).

Todas as imagens foram cedidas pelo gru.a.